



A culpa é do outro: as faces do Mal no discurso televisivo iurdiano¹

Emanuelle Gonçalves Brandão Rodrigues²

Sara Sterfany de Oliveira Vasconcelos³

José Guibson Dantas⁴

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

Resumo

O advento da modernidade fez emergir um pensamento racional no cerne da sociedade onde as igrejas perderam parte de sua influência sobre os indivíduos. O discurso maniqueísta deu lugar a formas mais dinâmicas de comunicação e compreensão da realidade. Entretanto, em pleno século XX, novos movimentos religiosos fizeram ressurgir o Diabo – figura mitológica criada para simbolizar o Mal em concomitância à legitimação das religiões tradicionais enquanto representantes da divindade e do Bem –, dos quais a corrente neopentecostal se constitui como melhor exemplo para análise. Em contrapartida, com a chegada do século XXI – e a influência dos meios de comunicação de massa, o Mal precisou ser reconfigurado para atender às novas demandas, apresentando-se sob outras formas. Nesta perspectiva, analisaremos as formas tomadas pelo Mal no discurso televisivo da Igreja Universal.

Palavras-chave: Igreja Universal; Televisão; Comunicação; Mal.

O Mal na história: a criação do Diabo

A origem do Mal data de muitos séculos atrás, antes mesmo do surgimento das religiões tradicionais. Sua criação se deu como uma tentativa das antigas sociedades em explicar as mazelas por quais passavam seu povo – até então sem explicação, visto que a ciência era bastante primitiva (ou até inexistente). Com o passar dos anos ele foi adquirindo formas e “vontade própria”, passando de uma “força intangível” para um “ser espiritual”, dono das piores qualidades e culpado por levar as pessoas à “perdição”.

Para muitos estudiosos, o desenvolvimento desta figura ‘maligna’, é resultado das várias dualidades presentes na humanidade, como o belo e o feio, o certo e o errado, a sorte e o azar, a vida e a morte. Em diversas culturas existem registros de seres que figuram o mal, a exemplo de *Ades* na Grécia e *Arimã*, originário da Pérsia e presente em

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 07 a 09 de junho de 2012.

² Estudante de graduação do 6º período de Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas, e-mail: manugbr1@hotmail.com

³ Estudante de graduação do 6º período de Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas, e-mail: saraa_v@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de Málaga e professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas, email: josegddantas@gmail.com



alguns países do oriente como Índia, Irã e Afeganistão. Mais tarde, o ocidente apresentou ao mundo o Diabo, a própria personificação do Mal, figura oposta a de Deus.

Os debates iniciais sobre a origem do Diabo como um ser tangível na mente humana foram realizados na teologia cristã dos primeiros séculos. Nesta, ele é representado por Satanás – também reconhecido como Lúcifer, o “anjo caído” que renunciou a vida de serviço a Deus, sendo a própria encarnação do mal. O dualismo, nessa perspectiva, surge da necessidade das igrejas monoteístas, principalmente a Igreja Católica, de legitimarem seu poder enquanto instituições representantes de Deus na Terra – uma vez que perderam influência nas decisões do Estado ao passar do tempo, buscando obter o monopólio religioso dentro da sociedade.

Inicialmente, o diabo, no imaginário cristão, assumia a feição de gladiadores ou leões que se enfrentavam nas arenas romanas. Já no século IV, um concílio na cidade de Toledo o descreveu como um ser de pele preta ou avermelhada, com chifres e rabo, às vezes portando um tridente.

Com a Reforma Protestante, no início do século XVI, a guerra entre o Bem (Deus e a Igreja) e o Mal (Diabo), foi eclipsada por outra: a guerra entre a Igreja e o “povo”. Martinho Lutero, quem originou o movimento, questionava a atuação da Igreja Católica, acusando-a de idolatria e distanciamento do povo, o que culminou no deslocamento do Diabo no discurso das igrejas protestantes. Depois, com a chegada do iluminismo e o avanço científico, a “guerra santa” perdeu ainda mais força, onde a culpa aplicada ao Diabo pelas desgraças do mundo foi substituída por explicações científicas mais contundentes.

Quanto mais monoteísta for a religião em questão, mais o Deus supremo será distante e os espíritos inferiores mais próximos dos indivíduos. De fato, para Weber só são rigorosamente monoteístas o judaísmo e o islamismo. O cristianismo situa-se no meio do caminho. O protestantismo irá mais longe ao tentar eliminar toda manifestação sensível da divindade e restringir a revelação a um texto. [...] Nessa perspectiva o pentecostalismo pode ser considerado uma forma religiosa que, como reação ao distanciamento do Deus universal cristão, recupera



práticas mágicas com divindades próximas do cotidiano de seus seguidores. (RIVERA, 2012, p.47)

Na modernidade, o Mal vem assumindo novas formas, que não mais se restringem a figura mitológica do Diabo. As instituições religiosas sofrem, hoje, uma reestruturação interna para se adaptar às novas demandas sociais cada vez mais desencantadas com o mundo. Nesse sentido, “o apelo ao demônio como fator explicador da realidade varia de um caso para outro e em função de status socioeconômico, grau de instrução, biografia religiosa anterior por religiões mediúnicas etc.” (Ibid., p.56).

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) – também conhecida como Igreja Universal – é a instituição religiosa mais reconhecida no que se refere à utilização da mídia para cooptar públicos – e não apenas fieis. Seu discurso maniqueísta e a ênfase dada ao Diabo em sua liturgia se constituem como fortes características de sua identidade, transpondo-se também para outros espaços sociais além do templo, como a mídia. Nesse sentido, o presente trabalho propõe uma análise sobre as características que distinguem a IURD das demais denominações tendo como foco de abordagem a forma como o Mal se configura nos diferentes espaços em que a instituição atua.

Características e posicionamento da Igreja Universal

Por posicionamento entendemos aquilo que se fixa na cabeça do receptor (cliente) em relação à imagem/marca da organização, ou seja, o conceito que se tem dela mediante a forma como se apresenta na sociedade. Posicionar-se significa também estar em primeiro lugar dentro de uma categoria na mente de um indivíduo, e, caso não exista tal categoria, deve-se criar uma, o que, de acordo com Refkalefsky (2012), está relacionado menos às características do emissor e mais ao conhecimento que se tem do receptor.

Na prática esse processo funciona de várias formas. Há o posicionamento contra o líder (o primeiro de uma categoria), o qual serve como base para construir a identidade da concorrência; há também o posicionamento por comparação aos concorrentes; e ainda aquele que se cria uma categoria, inovando-se diante da sociedade, apresentando novos produtos e serviços. A Igreja Universal, enquanto organização de forte estrutura empresarial – ainda que seja uma instituição religiosa –



constrói muito bem suas estratégias de posicionamento, o que se constitui como um diferencial entre as demais instituições religiosas.

Posicionar-se é uma atitude antiga na história das religiões, onde a Igreja Luterana já fora criada a partir e contra o catolicismo – líder desde a antiguidade. O próprio cristianismo era oposto ao judaísmo. O processo em que as diversas doutrinas se originaram é bastante complexo para tratarmos nesse momento, o que importa aqui é situar o leitor na história em que surgiram as instituições da modernidade e como elas se fortaleceram na sociedade brasileira.

Diferente das demais igrejas pentecostais (e neopentecostais), a IURD direciona seu foco para a luta contra o Mal. Este é representado pelo Diabo, que, segundo a instituição, é o causador das mazelas sociais. O homem que não tem fé é alvo fácil para este ser maligno, e para combatê-lo, o fiel deve se submeter a desafios, ofertando a Deus para comprovar a sua fé. A oferta é dada em forma de dinheiro, o qual é o próprio símbolo da prosperidade. Então, sob a ideia do “Dai e vos será dado”, os adeptos dessa doutrina investem pesado na luta contra o “Devorador” – termo utilizado como sinônimo de Diabo.

De acordo com Macedo (2005), todos os deuses famosos da antiguidade são, na verdade, demônios que nunca deixaram o homem paz. Estes “seres” sem corpos personificam, segundo o bispo, todos os males da sociedade, tendo o homem como alvo principal. Ele coloca que confundir esses demônios com anjos de luz é um erro muito comum, onde as pessoas acabam os procurando em busca de ajuda e abrindo suas vidas. “Dizem ser exus, erês, espíritos de crianças, médicos famosos, poetas famosos etc., mas na verdade são anjos decaídos, na diabólica missão de afastar o homem de Deus e destruí-lo, sendo que, enquanto não fazem isso, se aproveitam dele.” (MACEDO, 2005, p.25)

Ao estudar a literatura da instituição, percebe-se que o discurso é o mesmo usado no cotidiano pelos bispos e pastores; as características da Universal são herdadas de seu bispo primaz – e fundador, Edir Macedo, autor de maior parte dos livros da igreja. A bíblia e os fenômenos do cotidiano são interpretados pela IURD de forma que se adaptem à realidade social de seus seguidores, o que é percebido tanto na literatura como nos cultos e produtos midiáticos. Nesse sentido, conhecer o contexto em que o criador da Universal nasceu e se criou é fundamental para entendermos a forma como a instituição atua na sociedade.



Nascido em 1945, no interior do Rio de Janeiro, Edir Macedo se mudou para a capital e ingressou no mercado de trabalho ainda jovem como servente na Loterj, ascendendo para tesoureiro mais tarde. Durante seu tempo na organização ele concluiu o ensino médio e chegou a cursar Matemática e Estatística, porém sem concluir o ensino superior. A experiência adquirida em seu antigo trabalho, assim como nos cursos, foi essencial para o que ele viera a fazer em seguida.

Em 1963, Macedo se converteu ao pentecostalismo na Igreja Nova Vida, mas antes de se tornar evangélico, chegou a frequentar a Igreja Católica e a Umbanda. Porém, dizendo estar no “fundo do poço”, ele procurou outra doutrina para se agregar. Então, “farto do elitismo desta igreja e sem apoio para suas atividades evangelísticas, consideradas agressivas, decidiu partir para voos mais altos” (MARIANO, 2005, p.55), fundando mais tarde, em parceria com Romildo Ribeiro Soares, Roberto Augusto Lopes, e os irmãos Samuel e Fidelis Coutinho, a Cruzada do Caminho Eterno.

Na mesma época, Macedo e Soares – também seu cunhado, tornaram-se pastores da Casa da Bênção, o que não durou muito tempo. Após se desentenderem com os irmãos Coutinho, os parceiros fundaram, em 9 de julho 1977, na zona norte do Rio de Janeiro, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), dando início à terceira corrente do movimento pentecostal. Devido ao estilo centralizador de Macedo ocorreram desentendimentos entre ele e os demais fundadores da instituição, o que culminou no afastamento de todas da Universal. Após o fato, Soares criou, em 1980, a Igreja Internacional da Graça de Deus, que hoje, juntamente com a Igreja Mundial do Poder de Deus, constituem-se como as principais instituições religiosas concorrentes da Universal.

Mesmo no âmbito da religião, pode-se claramente perceber a disputa por espaço entre as diversas doutrinas. No Brasil, a hegemonia do cristianismo foi fortemente abalada com a chegada do protestantismo, em especial o movimento pentecostal. Até mesmo as religiões afro-brasileiras – que muitos tratam como seitas – passaram a ter destaque no século XX. A magia produz o encantamento diante de um mundo desencantado com as misérias de uma população cada vez mais excluída, o que as novas instituições sabem bem. Perante essa realidade e a concorrência a sua volta, a Igreja Universal criou uma identidade distinta das demais doutrinas.

A IURD, nesse contexto, porta-se como uma instituição religiosa organizada e sofisticada. Sua linguagem fortemente simbólica provoca empatia nas pessoas, assim,



através desta, a instituição se empenha em suprir as carências humanas e solucionar os problemas surgidos nas dificuldades da vida, nas crises amorosas, financeiras e na saúde. Direcionar cada dia para um tema diferente é uma das marcas da instituição. Seus templos são abertos 24 horas por dia, oferecendo normalmente três cultos no mesmo período. Independente do assunto, a dicotomia entre o Bem e o Mal é algo típico de seu discurso, onde o Diabo aparece sob diversas formas, podendo estar encarnado nas figuras dos deuses de outras religiões ou nas próprias instituições e agentes sociais que causam o mal-estar da população.

Outro caráter que distingue a Universal das demais é a sua habilidade de arrecadar recursos financeiros dos fieis, o que se deve ao fato dela oferecer compensações imediatas a eles. O diferencial se dá na forma como seus pastores e bispos se articulam, usando uma linguagem adequada ao público ao qual se dirige – pertencentes, na maioria dos casos, às classes de menor poder aquisitivo da população. Dessa forma, ela molda sua mensagem religiosa de acordo com a demanda, oferecendo respostas, soluções e apoio a um povo tradicionalmente oprimido, que vive constantemente assustado e amedrontado na cidade grande.

Nesse sentido, a característica principal da IURD é o sincretismo religioso, que, de acordo com Dantas (2008), é uma típica característica das igrejas neopentecostais, as quais valorizam o metafísico, onde há uma mescla de divindades e crenças, marcada por uma típica história de exploração econômica e problemas sociais. Assim, há uma aproximação das crenças populares com a religião, onde a cultura popular é “respeitada” pelo agente emissor (a igreja), e “os povos se tornam sujeitos ativos da evangelização e não meros receptores” (OLIVEIRA, 2004, P.29). Isso se dá porque a Universal possui um enorme poder de assimilação da religião católica e das religiões meduínicas, tipicamente brasileiras, característica herdada de seu criador, profundo conhecedor de religiões e da cultura brasileira. A esses fatores são atribuídos também o sucesso da Universal, pois, diferente das religiões tradicionais compostas por padres ou pastores intelectuais com profundo conhecimento em teologia, esta igreja faz um trabalho muito bem dirigido para seu público. Para Edir Macedo, segundo Oliveira, “fé é uma questão de prática, e nunca de estudos” (Ibid., p.63).



Ancorado na Teologia da Prosperidade⁵, o neopentecostalismo emergiu no cenário brasileiro em um período marcado por profundas crises sociais, econômicas e culturais. A Igreja Católica apresentava um discurso pouco instigante para as massas empobrecidas; as crenças populares eram desvalorizadas e o desencantamento do mundo podia ser percebido nas diversas camadas sociais. Com isso, diz Mariano (2005), a velha “mensagem da cruz” caiu por terra, dando espaço à participação popular nas novas doutrinas.

A maioria das denominações se posiciona contra a líder, Igreja Católica, acusando-a de idolatria, discurso que ficou bastante defasado, já que o termo, segundo Refkalefsky (2012), é muito amplo e não se refere apenas à “idolatria de santos”, podendo ser ampliado para a idolatria de outros seres e objetos, onde outras religiões agem da mesma forma diante de outras figuras pertencentes às suas culturas. Do ponto de vista doutrinário, diz o autor, as obras de Edir Macedo não fazem referência direta às práticas católicas. O inimigo abrange todas as religiões afro-brasileiras, o que distingue a IURD das demais instituições.

O posicionamento contra a Umbanda foi fator crucial para a Universal construir sua imagem institucional. Isso se deu porque esta religião agrega em sua constituição tudo que há de mais sincrético em termos de religiosidade e cultura brasileira, justamente o que a IURD almeja ser, tornando a Umbanda forte concorrente. Portanto, a forma como a igreja de Macedo buscou agir contra a concorrência não foi a negando, mas se posicionando contra ela, transformando seus deuses em verdadeiros demônios perante os fieis.

As faces do Mal na mídia televisiva iurdiana

Os discursos televisivos iurdianos são construídos com base no profundo conhecimento que esta igreja tem da cultura popular, da realidade de seus fiéis e dos telespectadores que constituem a recepção de sua programação, que por sinal é composto, em sua maioria, pelo gênero feminino e classes sociais economicamente inferiores.

⁵ Terceira corrente do movimento pentecostal. Caracterizada pelo grande carisma de seus ministros da fé, o neopentecostalismo prega que antes do fiel ir viver ao lado de Deus, deve aproveitar ao máximo o presente. Para tanto, é também necessária a contribuição com a obra do Senhor, utilizando o dízimo como uma das principais representações de fé.



Desta forma, a IURD passou a atuar de maneira mais incisiva na sociedade, propagando seus ideais através de programas televisivos, onde o discurso se construiu com a ajuda de aparatos tecnológicos e forte apelo simbólico. Neste sentido, a mensagem que antes se restringia aos fiéis que frequentavam os cultos, passou a partir da década de 80, a ser emitida para diversos públicos de vários segmentos da sociedade.

A fim de atender às novas audiências, a Universal – que desde o início esteve ligada à mídia – passou, no século XXI, por uma reestruturação no formato de seus produtos midiáticos. Contudo, apesar das mudanças, o caráter ideológico da instituição ainda permanece, mas sobre outra roupagem.

Analisando a programação televisiva da Record – emissora de Macedo, não se vê claramente a figura do Diabo como conhecemos no senso comum. Este é substituído por outras representações do Mal, tais como crimes, traições, corrupção e instituições religiosas, sendo apresentados de maneira que os indivíduos, organizações e instituições de fora, ou seja, o “outro” simbolize o errado, o Mal.

A grade televisiva da madrugada é composta por programas como o Fala Que Eu Te Escuto, Plantão da Fé, Ponto de Luz e Saindo da Crise. Apesar de todos direcionarem a narrativa para um tema exclusivo, o primeiro programa se apresenta como distinto dos demais, não tratando especificamente de assuntos religiosos, ao contrário dos outros, que servem como extensões dos cultos. Além disso, a utilização de um pastor ou bispo como apresentador é uma marca que caracteriza todos os programas.

O Fala Que Eu Te Escuto é o produto de comunicação que melhor representa as mudanças estruturais das quais estamos falando. Abordando os assuntos mais discutidos na sociedade, o programa constrói uma narrativa com pano de fundo ideológico – pouco perceptível aos olhos do telespectador comum. A utilização de recursos e elementos próprios de telejornais para a construção das matérias (e discursos) mascara os objetivos da produção em mostrar conteúdos de caráter profano, legitimando o poder da igreja como representante do “Bem”. O tom de espetáculo é um dos fatores fundamentais para o sucesso do programa, que direciona seu conteúdo para as massas e sabe exatamente aquilo que elas desejam assistir.

Os demais programas são mais semelhantes, diferenciando-se apenas pelos temas. O Plantão da Fé direciona seu discurso para assuntos referentes à vida sentimental, servindo como extensão do culto de sábado, Terapia do Amor. O Mal é representado por demônios, assim como no culto; durante o período pesquisado, todos



os programas rodaram um clipe que mostravam os 10 sinais de possessão segundo a liturgia iurdiana, o que pode ser visto também no livro de Edir Macedo, “Orixás, Caboclos & Guias – deuses ou demônios?”. A mulher possui uma representatividade muito forte nesse programa, sendo ora protagonista, ora antagonista; a dualidade se faz entre a “mulher de Deus”, e a “outra”, adepta da “macumba”.

O Ponto de Luz serve mais como uma extensão dos cultos de terça-feira e sexta-feira, Sessão do Descarrego e Corrente da Libertação, respectivamente. Em suma, o programa trata dos “encostos” que afligem a vida das pessoas, apontando sempre o inimigo, as outras religiões, especialmente a Umbanda como culpados. O Saindo da Crise direciona seu discurso para as questões ligadas à vida financeira, como acontece nos cultos de segunda-feira, da Corrente da Prosperidade, dando ênfase à “Nação dos 318”, reunião/corrente voltada para empresários e pessoas com problemas financeiros. Da mesma forma, são os demônios das seitas que impedem as pessoas de prosperarem.

Entre os programas são apresentados clipes e propagandas da Universal. Em algumas cenas, o Mal é representado principalmente pelas drogas e bebidas. Vê-se também uma vinheta – repetida durante toda a madrugada – intitulada Palavra Amiga, em que Edir Macedo aparece tratando alguns temas do cotidiano e dando conselhos aos telespectadores. Como complemento, tem-se os testemunhos repetidos durante toda a madrugada. O discurso é sempre o mesmo, começando por uma vida infeliz, onde o indivíduo se drogava, bebia, traía o parceiro, brigava com os pais, e que, antes de chegar à Igreja Universal, já havia frequentado outras igrejas e até mesmo terreiros de macumba, mas sempre sem nenhum avanço. A mudança ocorre a partir do momento que se converte, tornando-se fiel dizimista, nunca deixando de acreditar na justiça divina.

Como diz Ortiz, a televisão, na modernidade, passa a operar sob duas lógicas, uma cultural e outra de mercado. A Igreja Universal do Reino de Deus, enquanto organização bem estruturada segue a mesma ideia da qual se refere o autor, sabendo construir e diferenciar seus discursos do templo e do espaço midiático, mas nunca deixando de lado o seu posicionamento contra o “outro”, o Mal, e sim os configurando em outras dimensões para melhor representá-los. “Pastores e fieis enxergam a ação divina e demoníaca nos acontecimentos mais insignificantes do cotidiano. Para eles, não há acaso. Tudo é prenhe de sentido, e a Bíblia contém todas as respostas que precisam”



(MARIANO, 2005, p.110), o que resulta na banalização do Mal em todas as esferas sociais, inclusive na mídia.

Considerações

Em virtude da tecnicidade proporcionada pelos tempos modernos, a sociedade vem sofrendo mudanças que gravitam entre os diversos espaços de interação humana. Com indivíduos mais conscientizados quanto ao papel das instituições nos espaços sociais, os discursos que fugiam às lógicas racionais da ciência perderam, com o tempo, parte de seu poder.

Contudo, face aos problemas que as populações vêm vivenciando diante de um mundo globalizado cada vez mais excludente, revive-se no âmbito de algumas comunidades uma espécie de reencantamento de caráter mágico. Nesse contexto, movimentos religiosos emergiram na sociedade com uma nova proposta de relação com o sagrado, angariando públicos cada vez mais distintos.

O Mal, nessa perspectiva, sofreu um deslocamento no que toca sua constituição como figura representada pelo Diabo. Isso se deve às mudanças de atitudes proporcionadas pela mídia à sociedade, onde a influência dos meios de comunicação de massa é nítida nas ações mais corriqueiras do cotidiano. Dessa forma, o Mal passou a ser tratado de formas diferenciadas no templo e na televisão, onde o discurso se modificou – e continua se modificando – a fim de se obter eficácia no direcionamento da mensagem para os públicos-alvo de cada ambiente da organização.

A Igreja Universal, então, adapta constantemente sua mensagem às novas demandas sociais, a exemplo do discurso sobre o Mal. Enquanto no templo ele é representado pelo Diabo sob forte repreensão, na televisão ele possui também outras formas, onde o “Outro” – instituições, organizações, entidades e indivíduos opostos à IURD – se configura como a própria representação do Mal. De fato, essas mudanças ocorreram como consequências de estratégias da igreja – que hoje é mais que uma instituição religiosa, mas uma organização empresarial produtora de bens simbólicos – para atender os novos públicos, que não mais se resume ao fieis.

Referências



- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade – a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- DANTAS, José Guibson. **La recepción del Dios televisivo em Brasil: El poder de las mediaciones culturales**. Recife: Ed. do autor, 2008. Disponível em: <http://issuu.com/joseguibsondantas/docs/la_recepci_n_del_dios_televisivo_en_brasil> Acesso em mar/2012.
- FERRARI, Odêmio Antônio. **Bispo S/A: a Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício de poder**. 3ª edição. São Paulo: Ave-Maria, 2007.
- MACEDO, Edir. **Orixás, Caboclos & Guias: deuses ou demônios?** 15ª edição. Rio de Janeiro: Universal, 2005.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais – sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Loyola, 2005.
- OLIVEIRA, Ivo Xavier de. **Igreja Universal do Reino de Deus: uma instituição inculturada?**. São Paulo: Edições Pulsas, 2003.
- REFKALEFSKY, Eduardo. **Estratégias de Comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus, no Brasil, e dos Televangelistas nos EUA: um estudo comparado**. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/16752/1/R1249-1.pdf>> Acesso em mar/2012.
- RIVERA, Dario Paulo Barrera. **O demônio e o protestantismo no mundo em desencantamento**. Disponível em: <http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/54469_6313.PDF> Acesso em mar/2012.
- SILVA, Drance Elias da. **Despotencialização de demônios por meio de dádivas e desafios**. Disponível em: <http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/54468_6313.PDF> Acesso em mar/2012.